



Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS

Trabalho e Morte:

Um Estudo das Causas de Falecimentos de Trabalhadores Cativos na Cidade Portuária de Rio Grande (1864-1870)

Natália Garcia Pinto¹

Resumo: Ainda que se afirme a alta frequência de óbitos entre os trabalhadores cativos, este não é um ponto estudado exaustivamente na historiografia da escravidão brasileira. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar as principais causas de óbitos entre os trabalhadores escravos na sociedade riograndina no período de 1864 a 1870, com o intuito de dimensionar um estudo das condições de vida desses trabalhadores.

Palavras-chave: Escravos - Rio Grande – Mortalidade.

Rio Grande: O Cenário Doentio da Cidade e de seus Trabalhadores

Nos anos Oitocentos do século XIX, Rio Grande caracterizava-se por ser uma praça comercial de destaque, na região meridional do Brasil, em virtude das atividades mercantis ali estabelecidas desde os primórdios de sua colonização. Para a realização das atividades comerciais e urbanas, advindas do avanço econômico da cidade, era utilizada a mão-de-obra cativa, pois, segundo Pinto, ao analisar os anúncios de Compra, Venda e Aluguel entre 1848-1852, coletados no periódico *O RioGrandense*, constatou-se que a grande maioria dos ofícios realizados nas ruas da cidade ficavam a cargo dos escravos do sexo masculino, que tinham como característica peculiar o trabalho cativo como cozinheiro e que, por vezes, também executava as atividades marítimas, isto é, de marinheiro. Em relação aos escravos do sexo feminino, a autora relata que grande parte desse contingente trabalhava nas atividades domésticas dos lares riograndinos. Mas também havia trabalhadoras cativas que desempenhavam suas funções pelas ruelas de Rio grande como quitandeiras, personagens

vitais do funcionamento da escravidão urbana do século XIX. Além disso, Pinto menciona outra figura central do trabalho escravo feminino que também teve grande expressão no caso, a ama de leite, principalmente no sistema de aluguel.²

O território urbano de Rio Grande distinguia-se das demais regiões da província do Rio Grande do Sul por apresentar um espaço portuário de carga e descarga de navios e mercadorias. Além disso, apresentava uma população flutuante em decorrência das atividades portuárias, gerando um movimento de trânsito de marinheiros e estrangeiros de várias partes do Brasil e do mundo que aportavam no cais da cidade.

Porém, a mobilidade do ir e vir não se restringia ao âmbito da população que habitualmente circulava pelas ruas, pois o contingente de escravos que perambulavam pelos becos adjacentes a orla do cais prestando seus serviços à clientela da cidade também compunha o espaço do porto riograndino. O ambiente portuário tinha ao seu redor núcleos de divertimentos que atraíam uma gama distinta da população local, visto que botequins, prostíbulos, casas de batuques e tavernas eram frequentados por prostitutas, homens brancos pobres, marinheiros, escravos, libertos, comerciantes e outros.

No entanto, nem tudo era divertimento e prazer mundano na cidade, pois em determinadas épocas instauravam-se epidemias de cólera, febre amarela ceifando vidas tanto da população livre como a da escravizada. Naturalmente, Rio Grande sendo uma zona portuária, onde se apresentava um ambiente doentio e mórbido, já que não só pessoas de diferentes lugares e países circulavam no cais e no espaço urbano da cidade. Havia também moléstias pustulentas e bactérias que aportavam no solo riograndino, provocando falecimentos, em grande parte entre os trabalhadores cativos, uma vez que estes viviam sob baixos padrões econômicos de vida.

Era o ano de 1860 na cidade. Em pleno outono do mês de maio, ventava muito naquele dia. Aliás, não era apenas o habitual vento da estação na província, mas sim as famosas rajadas de tempestades de areias, característica peculiar da localidade. Naquele mês morrera Albina, africana, preta, escrava de Antônio de Souza Ribeiro, aos 38 anos de tísica pulmonar, ou seja, de tuberculose. Albina fora enterrada no cemitério da Santa Casa de Rio Grande³, conforme publicado no obituário do periódico local, *O Diário do Rio Grande*.

Assim como a africana Albina, muitos trabalhadores escravos faleciam no hospital da Santa Casa de Misericórdia ou eram enterrados pela mesma instituição. Essa breve explanação sobre a morte da escrava Albina fora feita no intuito de abordar a temática do artigo sobre a mortalidade de trabalhadores escravos na cidade riograndina.

Mortalidade Escrava e a Historiografia

Um dos trabalhos pioneiros sobre a temática da saúde das doenças que ceifavam a vida dos cativos fora a obra de Karasch, *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. A autora relata que apesar das explicações sobrenaturais de senhores e escravos, a perspectiva do século XIX explica que os cativos morriam devido a uma correlação complexa entre descaso físico, maus tratos, dieta inadequada e doença. A falta de alimentação, roupas, moradias apropriadas, em combinação com os castigos, enfraqueciam-nos e preparavam-nos para serem liquidados por vírus, bacilos, bactérias e parasitas que floresciam na população densa do rio urbano. As ações intencionais ou não dos senhores contribuía diretamente para o impacto de doenças específicas ou criavam indiretamente as condições nas quais uma moléstia contagiosa espalhava-se rapidamente pela população escrava.⁴

A pesquisadora Ângela Pôrto evidencia em seu estudo sobre a saúde dos escravos que apesar desta ser condição na fixação do seu valor, soluções baratas adotadas pelos proprietários de escravos no fornecimento de moradia, alimentos, roupas ou remédios, fizeram proliferar doenças entre eles. As mais comuns eram as doenças decorrentes dos maus-tratos físicos ou do trabalho fatigante.⁵

Gorender, em *Escravidão Colonial* analisa que é necessário levar em conta as condições cotidianas da vida para entender o tratamento dispensado aos cativos tais como: quantidade e qualidade da alimentação, vestuário, habitação, duração da jornada de trabalho e outras condições de trabalho, nesse caso, os tipos e a frequência dos castigos impostos aos escravos.⁶

Na mesma linha de pensamento dos autores aqui apresentados, Schwartz, em seu trabalho sobre a temática na Bahia, demonstrou que as condições de insalubridade, a subnutrição e a falta de assistência médica afetavam um grande segmento da população livre além dos escravos, mas sem dúvida o cativo criava certas condições especiais de mortalidade.⁷

Mas tratando-se de pesquisas sobre a temática da morte em nossa historiografia sul-riograndense são poucos os trabalhos que versam sobre o assunto. Diante disso, esse artigo tem o intuito de demonstrar uma das faces da escravidão no sul do Brasil, especificamente na cidade de Rio Grande no longínquo passado de outrora.

E os Mortos são Escravos: Uma Análise dos Assentos de Óbitos da Cidade do Rio Grande (1864-1870)

Segundo Sant'Ana o óbito tinha uma importância fundamental, pois se o batismo era a porta de entrada do novo cristão ao universo do cristianismo, o óbito e os seus rituais significavam a entrada ao universo celestial.⁸

Os registros de óbitos de Rio Grande normalmente informam sobre o nome do falecido, nome do proprietário, idade, causa do falecimento, naturalidade, e esporadicamente, a nação e o estado civil.

Tratando-se das causas de mortes de homens e mulheres cativos na sociedade Oitocentista riograndina, pode-se analisar que as doenças infecto-parasíticas apresentaram dados expressivos e significativos de mortalidade entre os trabalhadores escravos, como mostra a tabela abaixo:

Tabela A - Doenças Infecciosas

Doença	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	Total
Tuberculose	05	07	12	19	14	06	07	70
Disenteria	01	07	10	16	02	05	04	45
Tétano	04	02	04	03	06	05	03	27
Cólera	-	-	-	25	-	-	-	25
Febre Tifóide	01	03	05	01	02	02	03	17
Meningite	01	-	01	02	04	04	03	15
Coqueluche	-	-	-	01	-	-	-	01
Tifo	-	05	-	-	-	01	02	08
Vermes	-	02	-	-	-	-	-	02
Varíola	-	-	-	-	-	-	02	02
Sarampo	-	04	-	-	-	-	-	04
Sífilis	-	-	-	01	02	01	-	04
Malária	-	-	-	01	-	-	-	01
Total	12	30	32	69	30	24	24	223

Fonte: Livro de Óbitos nº 11 – 1864-1866 e Livro de Óbitos nº 12 – 1866-1870 da Cúria Metropolitana de Rio Grande.

Observando a Tabela acima, nota-se que grande parte dos falecimentos registrados nos obituários relativos a doenças infecto-contagiosas fora em decorrência da tuberculose, com um total de 70 mortes. O ano de maior expressividade fora o de 1867, com 19 registros. Segundo a análise de Karasch, a tuberculose era a principal causa da morte de escravos no Rio.⁹

A segunda maior causa da mortalidade de escravos entre as moléstias infecto-parasíticas é a disenteria, com 45 mortes, seguida do tétano, com 27 registros computados. Mas o dado mais impressionante demonstrado é referente à moléstia do cólera, que apresentou 25 casos de morte entre os trabalhadores escravos no ano de 1867. Possivelmente neste ano pode ter havido uma epidemia da doença entre os cativos na cidade, visto que dos 25 registros analisados, 15 eram óbitos de homens e 10 óbitos de mulheres.

É interessante destacar na tabela os dados referentes à sífilis. Apesar de apresentar apenas 04 óbitos, essa moléstia tendia a predominar em ambientes urbanos. A historiadora Mary Karasch relata que no Rio urbano do século XIX, que se tratava de uma cidade portuária com muito intercâmbio entre marinheiros estrangeiros, imigrantes e escravos, as moléstias venéreas eram predominantes.¹⁰ Tal fato também poderia acontecer em Rio Grande, pois era uma cidade portuária com grande movimentação de pessoas de vários lugares. Desse modo, os cativos poderiam ser infestados com a sífilis, conforme fora mostrado na tabela.

Outras moléstias que provocaram muitas mortes entre os trabalhadores escravos na sociedade riograndina foram as do sistema respiratório, que totalizaram 105 óbitos, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela B - Sistema Respiratório

Doença	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	Total
Pneumonia	01	07	13	11	07	08	07	54
Bronquite	01	01	02	03	05	03	02	17
Broncopneumonia	01	03	02	03	03	-	-	12
Pleuropneumonia	-	02	03	01	-	04	01	11
Pulmões	-	01	03	-	03	-	-	07
Catarro Pulmonar	-	01		01	02	-	-	04
Total	03	15	23	19	20	15	10	105

Fonte: Livro de Óbitos nº 11 – 1864-1866 e Livro de Óbitos nº 12 – 1866-1870 da Cúria Metropolitana de Rio Grande.

Analisando a Tabela do sistema respiratório, constata-se que a principal causadora de óbitos entre os negros escravos foi a pneumonia, com um total de 54 falecimentos. A cidade de Rio Grande, localizada ao sul do Brasil meridional, nas estações do outono e inverno, quando a umidade, o frio e chuvas eram constantes, os cativos ficavam mais suscetíveis à proliferação de vírus, pois os trabalhadores estavam mal vestidos, mal abrigados, além de mal alimentados. Diante disso, os escravos tinham de enfrentar muitas enfermidades nessas

estações do ano em que a cidade apresentava temperaturas mais baixas. A tabela acima mostra de forma clara essa explanação, visto que além do alto índice de mortalidade de escravos por causa de pneumonia em Rio Grande, ocorreram óbitos devido a problemas de bronquite, de broncopneumonia, de pulmões e de outras moléstias respiratórias.

Segundo a análise de Petiz sobre os assentos de óbitos na freguesia de Rio Pardo, as enfermidades associadas às doenças do aparelho respiratório somaram 395 casos, ou 11,71% do total; com referência à defluxão, 109, ou 27,59%; espasmos, 81 casos, ou 20,50%; moléstia do peito, 71, ou 17,97% dos registros; pleuris 62, ou 15,69% dos registros desse grupo, seguidos por tosses, pneumonia, além de pontadas ou asma que foram bem menos representativas como enfermidades que levaram à morte.¹¹

Outro grupo de doenças que apresentou dados expressivos foi o do sistema digestivo, apresentando um total de 90 falecimentos de escravos, como se pode averiguar na tabela a seguir:

Tabela C - Enfermidades do Aparelho Digestivo

Doença	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	Total
Gastroenterite	-	-	02	16	-	01	03	22
Colite	-	05	07	04	02	-	-	18
Peritonite	01	-	-	02	01	04	03	11
Hepatite	-	01	-	-	-	01	02	04
Enterite	01	03	-	01	-	01	01	07
Diarréia	-	-	01	03	-	02	01	07
Gastrite	01	-	02	-	01	02	-	06
EnteroColite	-	02	02	01	-	-	-	05
GastroHepatite	-	-	-	01	02	01	-	04
Fígado	01	-	01	-	-	01	-	03
Estômago	-	-	-	-	01	-	01	02
Intestino	-	-	-	01	-	-	-	01
Total	04	11	15	29	07	13	11	90

Fonte: Livro de Óbitos nº 11 – 1864-1866 e Livro de Óbitos nº 12 – 1866-1870 da Cúria Metropolitana de Rio Grande.

A tabela a respeito das enfermidades do aparelho digestivo apresentou, com 22 óbitos, a moléstia da gastroenterite, seguida da colite com 18 registros e da peritonite com 11 óbitos computados. A moléstia que menos teve registros foi a de problemas no intestino com apenas 01 óbito coletado.

Na freguesia de Rio Pardo, Petiz registrou que as doenças do aparelho digestivo representaram 222 óbitos, ou 6,58% do total, sendo as mais referidas a hidropisia, com 176 registros, ou 79,27% desse grupo. Seguidas por constipação, com 20 casos, ou 9%; obstrução, 16 casos, ou 7,20%; seguidos de retenção do ventre, fígado brabo, com 03 registros cada.¹²

Moreira em seu estudo sobre os óbitos de escravos em Porto Alegre na década de trinta do século XIX, encontrou 130 casos de enfermidades do sistema digestivo, como a afecção no fígado, diarréia, gastrite, hepatite, icterícia, etc.¹³

E no Rio urbano do século XIX, Karasch menciona que depois da diarréia, a gastroenterite e outras complicações levaram 150 escravos ao hospital em 1847 e mataram 41 em 1849. A hepatite também floresce em condições sanitárias deficientes, e 107 escravos foram hospitalizados com ela em 1847.¹⁴ Em Rio Grande apenas foram registrados 04 óbitos de falecimentos de escravos por causa da hepatite, tendo como maior índice o ano de 1870, com 02 casos computados.

Outros dados que refletiram uma alta taxa de mortalidade de trabalhadores escravos na cidade portuária de Rio Grande no século XIX, foram os coletados entre a população de africanos, como se pode analisar pela tabela abaixo:

Tabela D – Óbitos de Africanos

Ano	Africano	Africana	Total
1864	03	01	04
1865	14	05	19
1866	24	07	31
1867	30	14	44
1868	06	-	06
1869	03	04	07
1870	06	03	09
Total	86	34	120

Fonte: Livro de Óbitos nº 11 – 1864-1866 e Livro de Óbitos nº 12 – 1866-1870 da Cúria Metropolitana de Rio Grande.

Na tabela acima, é possível observar uma predominância de óbitos de africanos em relação aos óbitos apresentados para as mulheres cativas africanas. Foram computados um total de 86 óbitos para os trabalhadores africanos e 34 óbitos para as trabalhadoras africanas. Moreira, ao analisar óbitos de escravos em Porto Alegre, evidenciou que os homens são a maioria em todas as faixas etárias entre os africanos¹⁵, fato também observado em minha pesquisa entre a população adulta e senil de escravos do sexo masculino.

Petiz também relata que distribuindo-se a população escrava adulta falecida em Rio Pardo de acordo com a origem, constatou-se que entre os africanos a frequência do sexo masculino foi sempre superior.¹⁶

A grande maioria de óbitos de escravos africanos estava entre os 30 e 80 anos de idade. Apenas constatei um registro de um cativo africano, com 24 anos de idade que, segundo o registro feito pelo pároco, morrera repentinamente no ano de 1865.¹⁷ Além disso, é interessante ressaltar que a grande maioria de óbitos entre os africanos eram pela tuberculose, ou a *tísica*, como era conhecida a doença no passado de outrora, como mostra o obituário do escravo africano de Antônio José Martins de Castro, que falecera de tuberculose aos 40 anos de idade na cidade de Rio Grande.¹⁸ Conforme Karasch, os africanos estavam no grupo etário mais vulnerável porque eram geralmente importados durante a puberdade, e a tuberculose tendia a atacar os adultos entre os quinze e 44 anos.¹⁹ Somados a isso os baixos padrões socioeconômicos, a nutrição deficiente, o forte estresse e o excesso de trabalho eram um convite à tuberculose.²⁰

Ao analisar o período de 1864-1870 na cidade de Rio Grande, desprezando a origem dos escravos e avaliando a mortalidade pelo viés dos sexos, nota-se uma alta taxa de falecimentos, em sua grande maioria, entre os trabalhadores cativos. O que pode ser averiguado pela tabela a seguir:

Tabela E – Óbitos de Homens e Mulheres Cativos

1864	31	25	56
1865	75	64	139
1866	83	47	130
1867	95	72	167
1868	66	42	108
1869	56	37	93
1870	57	42	99
Total	463	329	792

Fonte: Livro de Óbitos nº 11 – 1864-1866 e Livro de Óbitos nº 12 – 1866-1870 da Cúria Metropolitana de Rio Grande.

Nesta tabela pode-se observar que a maioria dos registros obituários apresentados foram os do homem cativo. O ano que apresentou significativos dados para os homens foi o

de 1867, com 95 registros de óbitos, fato que também aconteceu para as mulheres, que aparecem com 72 casos de falecimentos em Rio Grande.

É relevante destacar que grande parte das doenças diagnosticadas nos registros de óbitos das trabalhadoras cativas estavam ligadas ao aparelho respiratório, como mostra o registro feito pelo pároco no ano de 1868, em que relata o falecimento de uma escrava devido a uma apoplexia pulmonar aos 18 anos de idade. A cativa pertencia ao proprietário Francisco Alves Rodrigues.²¹

Schwartz, em seus estudos sobre a mortalidade escrava na Bahia, verificou que a mortalidade para as mulheres foi consideravelmente mais baixa. E esse diferencial nas taxas de mortalidade de homens e mulheres foi observado em outras sociedades escravistas e geralmente atribuídas ao trabalho mais pesado e perigoso executado pelos homens.²² Fato também evidenciado pelos trabalhos de Moreira em Porto Alegre e Petiz em Rio Pardo, como fora mencionado ao longo desse artigo. E pelos dados demonstrados sobre Rio Grande - até o presente momento -, percebe-se também uma predominância de óbitos de escravos do sexo masculino.

Considerações Finais:

Em vista dos dados apresentados nesse artigo, pode-se observar que as doenças infecto-contagiosas ceifaram muitas vidas de trabalhadores escravos em Rio Grande na década de sessenta do século XIX, sendo a tuberculose a principal causa das mortes; seguida da disenteria, do tétano e da cólera. O segundo grupo de enfermidades que provocaram significativos casos de óbitos foram as moléstias do aparelho respiratório, tendo a pneumonia como “carro chefe” dos registros de falecimentos, seguida da bronquite, a qual sucumbiram muitos trabalhadores cativos. E o último grupo de moléstias apresentadas trouxe informações a respeito das doenças do sistema digestivo, que teve como principal causa dos falecimentos dos escravos a gastroenterite.

Em relação aos óbitos segundo a origem, nota-se uma predominância de mortes elevadas de cativos africanos em relação aos óbitos das escravas africanas. Se desconsiderarmos a origem dos trabalhadores escravos, podem-se averiguar altas taxas de mortalidade entre os homens se forem comparadas com os registros obituários das mulheres na cidade de Rio Grande. Fato que também foi constatado por Petiz na freguesia de Rio Pardo, por Moreira em sua análise na Porto Alegre da década de 30 dos anos Oitocentos, e por Schwartz na Bahia colonial (Petiz, 2007; Moreira, 2007; Schwartz, 1988). Em suma,

essas informações aqui apresentadas apenas esboçam o início da pesquisa, que visa trazer à tona uma das faces da escravidão sul-riograndense, no que tange ao estudo da saúde e das doenças que atingiam o contingente escravo, tendo como palco a cidade de Rio Grande e seus agentes históricos, os escravos como atores principais dessa página da história social no Estado. Enfim, este trabalho tenta ressaltar a importância das fontes - registros eclesiásticos - para a análise sobre a população escravizada na cidade de Rio Grande, no longínquo passado de outrora.

Referencias Bibliográficas:

GORENDER, Jacob. *Escravidão Colonial*. São Paulo: Ática, 1978.

KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *E o Cadáver é Escravo: comentários sobre doença e morte entre a população cativa de Porto Alegre no século XIX*. Texto apresentado no Simpósio Nacional de História (ANPUH) São Leopoldo, UNISINOS, 2007.

PETIZ, Silmei Sant'Ana. *Enfermidades de escravos: contribuições metodológicas para estimativas da mortalidade (Rio Grande de São Pedro, 1790-1835)*. Doenças e Escravidão: sistema de práticas terapêuticas. (Organização de Ângela Porto). Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2007.

PINTO, Natália Garcia. *Rio Grande e sua Cidade Negra: a escravidão urbana nos anos Oitocentos do Século XIX (1848-1852)*. Monografia de Conclusão de curso. Rio Grande: FURG, 2007.

PÔRTO, Ângela. *O Sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2006. v, 13, n. 4, p. 1019-1027.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

FONTES E ACERVOS:

- Livro de Óbitos nº 11 – 1864-1866. **Cúria Metropolitana de Rio Grande**
- Livro de Óbitos nº 12 – 1866-1870. **Cúria Metropolitana de Rio Grande**
- Jornal *Diário do Rio Grande* do dia 02 de maio de 1860 - **Biblioteca RioGrandense**

-
- ¹ Acadêmica do curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul pelo Programa de Pós Graduação da UNISINOS. Bacharel em História pela FURG no ano de 2007.
- ² PINTO, Natália Garcia. *Rio Grande e sua Cidade Negra: a escravidão urbana nos anos Oitocentos do Século XIX*. Monografia de Conclusão de curso. Rio Grande: FURG, 2007. p. 56.
- ³ Jornal *O Diário do Rio Grande*, 02 de maio de 1860. p. 5.
- ⁴ KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 207.
- ⁵ PÔRTO, Ângela. *O Sistema de saúde do Escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. p. 1022.
- ⁶ GORENDER, Jacob. *Escravidão Colonial*. São Paulo: Ática, 1978. p. 351-352.
- ⁷ SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 302.
- ⁸ PETIZ, Silmei Sant'Ana. *Enfermidades de escravos: contribuições metodológicas para estimativas da mortalidade (Rio Grande de São Pedro, 1790-1865)*. Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas. (Organização de Ângela Porto). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007. p. 8.
- ⁹ KARASCH, 2000: 208.
- ¹⁰ IDEM, p. 236.
- ¹¹ PETIZ, 2007: 20.
- ¹² IDEM, p. 20
- ¹³ MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *É o Cadáver é Escravo: Comentários sobre doença e morte entre a população cativa de Porto Alegre (1830-1834)*. Texto apresentado no Simpósio Nacional de História em São Leopoldo, 2007. p.11.
- ¹⁴ KARASCH, 2000: 241.
- ¹⁵ MOREIRA, 2007: 5.
- ¹⁶ PETIZ, 2007: 14.
- ¹⁷ Livro de óbitos nº 11, folha 12, Ano 1865.
- ¹⁸ Livro de óbitos nº 11, folha 15, Ano 1865.
- ¹⁹ KARASCH, 2000: 211.
- ²⁰ IDEM, p. 213.
- ²¹ Livro de óbitos nº 12, folha 19, Ano 1867.
- ²² SCHWARTZ, 1988. p. 308.